

PROJETO LIBRAS NA ESCOLA E AS INTERAÇÕES INCLUSIVAS EM UMA COMUNIDADE ESCOLAR

LIBRAS NA ESCOLA PROJECT AND INCLUSIVE INTERACTIONS IN A SCHOOL
COMMUNITY

PROYECTO LIBRAS NA ESCOLA E INTERACCIONES INCLUSIVAS EN UNA
COMUNIDAD ESCOLAR

Israellen Cristina Souza Ataídeⁱ

Mairon de Sousa Furtadoⁱⁱ

Gláucia Caroline Silva-Oliveiraⁱⁱⁱ

Resumo: A Política de Educação Inclusiva no Brasil ainda caminha lentamente, em vista disso, foi desenvolvido o Projeto Libras na Escola, para promover a inclusão e socialização de alunos surdos na comunidade escolar em Vígia, Pará. O presente trabalho é um relato das ações e experiências vivenciadas durante esta pesquisa, e discute suas implicações e aproximações com a inclusão de alunos surdos e o bilinguismo. Dessa forma, apresentamos todas as etapas de desenvolvimento do projeto, suas implicações e contribuições para a construção de uma escola que respeita às culturas e construiu-se novos olhares, permitindo que as interações ocorram de forma que reduza as barreiras linguísticas. Resultados positivos, nesta perspectiva, foram alcançados, com grande envolvimento e interação da comunidade escolar, no entanto mudanças nas adaptações curriculares e metodológicas também precisam ser fortalecidas para que se efetive a inclusão real dos alunos surdos.

Abstract: The Inclusive Education Policy in Brazil is still moving slowly. Therefore, the *Libras na Escola* Project was developed to promote the inclusion and socialization of deaf students in the school community in Vígia, Pará. The present work is a report of the actions and experiences lived during this research, and discusses its implications and approaches with the inclusion of deaf students and bilingualism. In this way, we present all stages of the project's development, its implications and contributions to the construction of a school that respects cultures and new perspectives produced, allowing interactions to occur that reduces language barriers. In this perspective, positive results have been reached with involvement and interaction from the school community. However, need to be strengthened changes in curricular and methodological adaptations in order for effective inclusion of deaf students happen.

Resumen: La Política de Educación Inclusiva en Brasil sigue avanzando lentamente, en vista de esto, el Proyecto *Libras na Escola* fue desarrollado para promover la inclusión y socialización de estudiantes sordos en la comunidad escolar de Vígia, Pará. El presente trabajo es un relato de las acciones y experiencias experimentadas durante esta investigación, y analiza sus implicaciones y aproximaciones con la inclusión de estudiantes sordos y bilingüe. Así, presentamos todas las etapas de desarrollo del proyecto, sus implicaciones y contribuciones a la construcción de una escuela que respete culturas y se construyeron nuevas perspectivas, permitiendo que se produzcan interacciones de manera que se reduzcan las barreras idiomáticas. Se lograron resultados positivos, en esta perspectiva, con gran implicación e interacción de la comunidad escolar, sin embargo, también es necesario reforzar los cambios en las adaptaciones curriculares y metodológicas para lograr la inclusión real de los estudiantes sordos.

Palavras-chave: Inclusão escolar; Cultura surda; Alunos surdos; Libras; interação.

Keywords: School inclusion; Deaf culture; Deaf students; Libras; interaction.

Palabras claves: Inclusión Escolar; Cultura sorda; Estudiantes sordos; Libras; Interacción.

INTRODUÇÃO

A Política de Educação Inclusiva no Brasil ainda não consegue atender todos os sujeitos que necessitam dela. A inclusão escolar, por exemplo, não é efetiva apenas com inserção da pessoa no ensino regular. É um processo que precisa respeitar as diferenças e buscar garantir as mesmas oportunidades a todos os indivíduos, considerando a diversidade como um elemento enriquecedor da aprendizagem e do desenvolvimento pessoal (MANTOAN, 2003).

Dessa forma, considera as diferentes formas de aprendizagem e expressão dos indivíduos, e traz para dentro das práticas educativas metodologias e formas de interação que potencializam as diferentes habilidades e percepções dos educandos. Essas ações caminham na direção de uma sólida inclusão escolar, pois as pedagogias propostas são pensadas na diversidade presente no cotidiano escolar.

Na educação de surdos esta adequação ocorre de maneira gradual e lenta nos ensinos básico e superior, visto que muitas escolas apenas integram, porque as diferenças são ainda invisíveis perante a cultura dominante (ZILIOTTO *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019). Porém, segundo Mantoan (2003), para que ocorra a inclusão escolar não há necessidade de se fazer grandes obras, mas concretizar o óbvio, fazer aquilo que é possível, com envolvimento ativo da escola e da comunidade.

Seguindo essa lógica, lançamos mão do “Projeto Libras na Escola: Promovendo a inclusão e socialização de alunos surdos na comunidade escolar”, como importante ação junto ao processo da Educação do Surdo nesta instituição de ensino básico. O esforço pedagógico objetivou estimular a inclusão escolar de alunos surdos, mediante a compreensão e o uso da Libras na comunicação para interação entre educandos surdos e ouvintes, e comunidade escolar.

As ações junto ao projeto partiram de uma necessidade observada na Escola do Município de Vigia, Pará, Brasil, onde alunos surdos apenas foram integrados ao ambiente escolar, pois as diferenças culturais permaneciam não contempladas neste ambiente, haja vista que as metodologias em prol da inclusão escolar desses sujeitos eram inexistentes. Portanto, objetivamos com este estudo apresentar o “Projeto Libras na Escola”, onde iremos descrever as atividades realizadas, como proposta de sensibilização e inclusão de alunos surdos, assim como discutir a necessidade do ensino bilíngue para o desenvolvimento dos surdos.

AS DIFERENÇAS ENTRE INTEGRAÇÃO E A INCLUSÃO ESCOLAR

A escola, como espaço relacional, tem forte inclinação à seleção dos agentes que hão de constituí-la. Para homogeneizar o público em torno de um padrão referencial, a instituição exclui todos aqueles que, por vários motivos, demonstram algum tipo de resistência à homogeneização (COELHO, 2015). Em continuação a esse processo de exclusão, a instituição de ensino propõe diferentes mecanismos educacionais e/ou terapêuticos.

A mesma autora argumenta ainda que os serviços direcionados aos sujeitos que adentram a escola é uma espécie de “pedagogia especial”, para atender especialmente àqueles que apresentam um desenvolvimento educacional atípico, isto é, diferente do que é habitual. Porém, essa “pedagogia” limita o campo de possibilidades dos sujeitos culturalmente diferentes, fato que não lhes permitem estabelecer interação com seus pares e um aprendizado mútuo e coletivo.

Na contramão da exclusão escolar, no século XX emergem pelo mundo intensos esforços em prol de uma educação que possa contemplar a diversidade de sujeitos. Esse movimento pró inclusão escolar defende a necessidade de se construir um sistema de ensino que seja de qualidade e capaz de atender a todos os estudantes com suas mais diferentes especialidades (MATOS; MENDES, 2014). Segundo os autores, é importante a constituição de uma sociedade inclusiva, para a consolidação e desenvolvimento do Estado democrático, onde a educação inclusiva seja parte integrante e essencial das instituições sociais.

No Brasil, muito se tem debatido no que se refere à escola inclusiva e sua real efetivação, porém ações efetivas de implementação dos documentos normativos ainda são pouco expressivas. No entanto, Mantoan (2003) afirma que na Constituição Federal de 1988 é garantido a todos os cidadãos o direito à educação e à escola, sem que alguém seja excluído em razão de suas diferenças.

Os documentos legais garantem ensino de qualidade para todos, contudo essa educação na prática pouco se tem efetivada, fazendo emergir indagações se de fato é feita a inclusão ou a simples integração de alunos culturalmente diferentes em uma sala de aula comum. Nas escolas está presente um público bastante diverso, onde cada sujeito apresenta um modo particular de aprendizagem, o que vai exigir das instituições educacionais olhares diferenciados para o seu público.

Porém, mesmo com os dispositivos legais a favor da escola inclusiva e com ensino de qualidade, pouco se tem avançado nesta perspectiva. Com isso, Fumegalli (2012) argumenta que a falha na compreensão do que é, verdadeiramente, inclusão é pensar que

integrar significa incluir, o que na verdade, está apenas se fazendo a inserção de sujeitos de culturas diversas em uma escola regular, sem considerar suas particularidades intrínsecas.

Dessa forma, a autora traz uma diferença clara entre estas terminologias, onde a inclusão se faz a partir de transformações profundas, de modo que a sociedade, e no caso particular da escola, possa se adaptar aos anseios das pessoas com necessidades individuais; aqui o direito é dado a todos, indistintamente. Por outro lado, integrar significa que o próprio sujeito é quem deve se enquadrar ao modelo de instituição social existente, ou seja, o “diferente” deve se esforçar para ser “igual” a todos que estão aptos à convivência social.

Nessa perspectiva, entende-se que incluir exige ir além da simples inserção da pessoa culturalmente diferente em uma instituição social. Inclusão escolar, por sua vez, representa uma revolução educacional, por meio da qual será possível alcançar a inclusão social. Incluir educacionalmente representa a luta pela transgressão às barreiras extrínseca ou intrínseca impostas aos alunos, que dificultam a convivência, a participação ou a aprendizagem escolar (MATOS; MENDES, 2014).

Nesta perspectiva, entendemos que as mudanças para uma inclusão escolar efetiva começa pelo interior do sistema educacional em mudanças curriculares que se refletirão nas práticas pedagógicas e em todo o processo educacional. A união de todos que compõe a comunidade escolar, em busca de conhecimentos para efetivar a inclusão de todos alunos, é a prática que desencadeará em mudanças significativas para todos.

INCLUSÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS E O COTIDIANO ESCOLAR

A escola é um ambiente fundamental para o desenvolvimento do ser e, no caso da criança surda, é importante por permitir que ela tome conhecimento da sua própria identidade (LACERDA, 2006). Por isso, um ambiente educacional que compreenda a Cultura Surda e a sua experiência visual faz toda a diferença no desenvolvimento biopsicossocial deste sujeito partindo da infância. Porém, muitas escolas não estão preparadas para este atendimento, em termos pedagógicos, linguísticos e de interação social (ZILIOOTTO *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019).

Para uma criança surda, o acesso a essas novas descobertas poderá ser limitado, caso a escola não ofereça o atendimento apropriado. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), por exemplo, busca a efetiva inclusão de alunos surdos no ensino regular com o apoio de currículos, materiais e metodologias adequadas à esse público, mas na prática pouco se tem feito para efetivar uma educação inclusiva e de qualidade, que respeite as diferenças individuais.

Nesse sentido, a instituição educacional necessita urgentemente estar apta a realizar a inclusão, o que não significa apenas inserir sujeitos culturalmente diferentes no contexto educacional. Para fazer a inclusão dos surdos, a escola precisa ter um olhar para a diversidade, onde todas as culturas envolvidas possam ser reconhecidas, mediante desenvolvimento e aplicação de metodologias condizentes com as limitações e potencialidades dos sujeitos.

Porém, as escolas não têm respondido aos preceitos da inclusão escolar dos surdos, visto que os educandos têm enfrentado dificuldades de aprendizagem em sala de aula. A maioria tem baixo aproveitamento e não conseguem entender e nem fazer as atividades propostas pelo professor regente, e mesmo que demonstrem capacidade de compreensão, apresentam dificuldades no registro da língua portuguesa, fatores que expressam uma inclusão escolar de surdos pouco efetiva e que dificulta a sua progressão nos estudos (OLIVEIRA, *et al.*, 2015).

Na educação dos Surdos, é necessária uma pedagogia visual, metodologia que mais se aproxima da sua realidade e que contribui ao aprendizado escolar. Com isso, o bilinguismo é a proposta que mais se aproxima das suas demandas educativas, onde sua língua natural, a língua de sinais (L1), é primordial ao seu desenvolvimento e conhecimento de mundo, ou seja, uma educação que tem a Libras como constitutiva da aprendizagem (LACERDA, 2006; LODI, 2013; MARTINS, 2016). Com isso, as práticas educacionais utilizam a Libras como língua de instrução, que dará o suporte linguístico para que o aluno surdo tenha acesso aos conteúdos curriculares na escola (LACERDA; SANTOS; MARTINS, 2016).

Dada esta importância, a língua de sinais deve estar presente no cotidiano da criança surda, favorecendo a sua assimilação de forma natural. Para isso, inicialmente todo o contexto comunicacional familiar e a comunidade escolar, nesta ela passa bom tempo imersa, devem se adaptar a esta realidade. Nesse sentido, Mascarenhas e Moraes (2015), defendem a exposição precoce dos surdos a Libras, isto é, que convivam com surdos fluentes para assimilações em contexto social, contribuindo para o autorreconhecimento de sua identidade cultural e linguística, proporcionando bases para seu desenvolvimento cognitivo e socioeducacional.

Na observação das conquistas legais¹ alcançadas pelos surdos, constata-se Decretos e Leis que respaldam o direito à educação bilíngue, mas as ações asseguradas por estas

¹ Alguns exemplos: a Lei Federal nº 10.436 de abril de 2002 que reconhece a Libras como língua oficial dos surdos; O Decreto nº 5.626 de 2005 que regulamenta a lei nº 10.436, onde consta a obrigatoriedade da Libras como disciplina nos cursos de licenciatura; A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, trata do ensino bilíngue em escolas comuns, ofertando ensino da língua portuguesa na modalidade escrita e a Libras, e a presença do AEE (ALENCAR, 2016).

políticas ainda são pouco executadas na sociedade e na escola. Alencar (2016) coloca que nas classes inclusivas, onde estão presentes alunos surdos e ouvintes, a comunicação ocorre mais em português, onde a Libras aparece utilizada apenas pelo tradutor e intérprete de língua de sinais (TILS). Além disso, a comunicação com os demais sujeitos da escola acaba sendo superficial e deficiente para as demandas em questão.

A educação bilíngue para surdos apresenta diversas nuances nas regiões brasileiras, há ainda escolas que não investem na qualidade do atendimento e acessibilidade, como relata Aspilicueta (2013), Macedo *et al.*, (2019) e Santos *et al.*, (2019). Na escola onde ocorre a presente pesquisa, a realidade de dois estudantes surdos do sétimo ano, Ensino Fundamental, segue o modelo de integração. Os sujeitos são falantes tardios da Libras e ainda estão aprendendo a expressar-se na língua de sinais, fatores que têm contribuído para um reduzido avanço educacional (ATAÍDE, 2019). As barreiras linguísticas são notórias neste espaço, onde os alunos precisam sempre do auxílio de TILS para intermediar as conversações.

Outro ponto observado é a ignorância da comunidade escolar com relação aos aspectos da Cultura Surda. Este fato é observado nas práticas pedagógicas dos professores que ministram aulas sem apoio de componentes visuais e apenas em português (oralizada). Dada as dificuldades persistentes identificadas, professores, equipe pedagógica e TILS da presente escola buscaram intervir para iniciar um processo de mudanças na comunidade escolar. Tal discussão motivou a elaboração do projeto “Libras na Escola” com o intuito inicial de atender a turma do ensino regular onde estão presentes dois alunos surdos. O foco inicial destas atividades era o aspecto comunicacional, a Libras, que deveria estar inserida no cotidiano e nas relações entre os alunos em sala de aula.

AÇÕES DO PROJETO “LIBRAS NA ESCOLA”

O projeto ocorreu no segundo semestre de 2019, semanalmente em dois tempos de aula (de 45 minutos cada) em uma escola municipal na cidade de Vigia, Pará. A turma alvo do projeto é do sétimo ano, onde estão matriculados 28 alunos, incluindo dois educando surdos, onde participaram também a equipe de apoio, coordenadores pedagógicos e professores. Um total de sete atividades² (Figura 01) foram realizadas, as quais ocorreram na biblioteca da escola e também na própria sala de aula da turma, com momentos de roda

² 1 Rodas de conversa sobre a cultura Surda; 2 Entendendo os aspectos linguísticos da Libras e Aprendendo o alfabeto manual; 3 Produções visuais como atividade de expressão das temáticas abordadas; 4 Dias da semana e meses do ano em Libras; 5 Musicalização como atividade de conhecimento de novos sinais; 6 Entendendo o processo de tradução de português para Libras através da música; 7 Dinâmicas de interação, comunicação e aprendizado da Libras através da música.

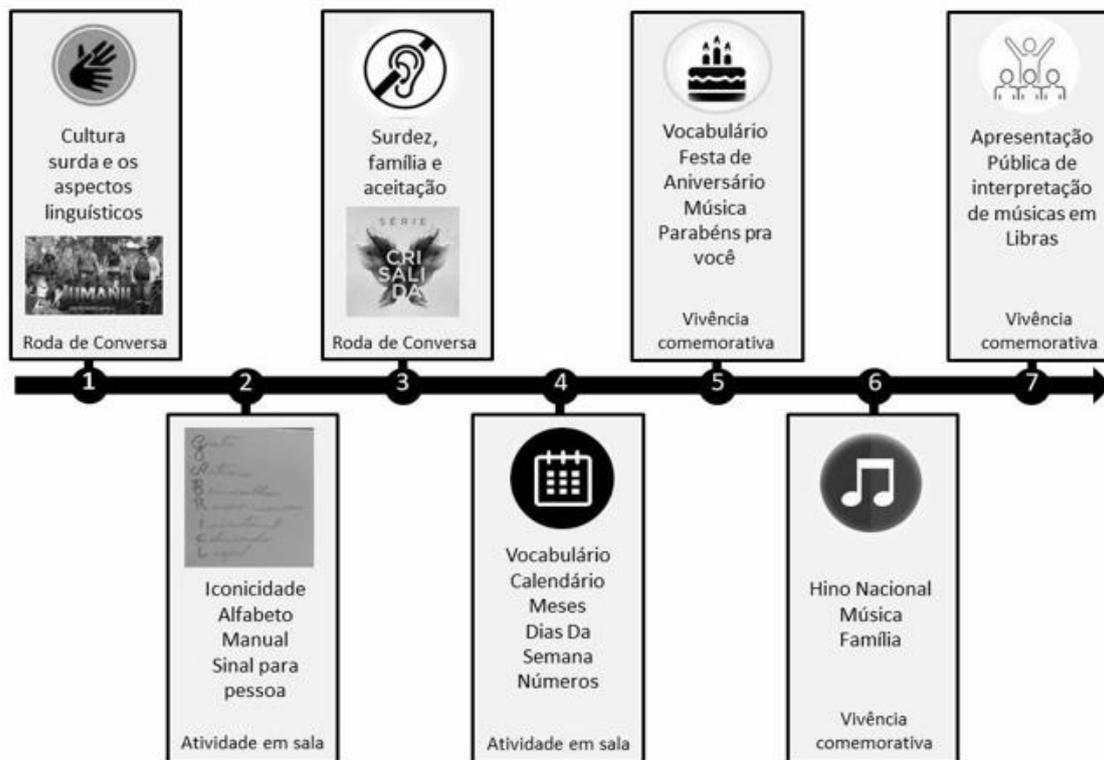
de conversa, diálogos utilizando a Libras e dinâmicas de comunicação, apresentação e socialização.

As primeiras atividades do projeto buscavam promover momentos de diálogos e reflexões. O tópico norteador deste primeiro momento foi sobre a cultura surda e os aspectos linguísticos que envolvem esta comunidade. Por meio de uma roda de conversa, os participantes relataram suas vivências com pessoas surdas, a partir das quais um clima de entrosamento e interação se estabelece, deixando os participantes à vontade para fazerem perguntas e expor suas opiniões e realidades.

Com isso, uma das profissionais de apoio mencionou que tinha um irmão Surdo, com o qual poucos da sua família conseguiam se comunicar mediante a Libras. Na maioria das interações utilizavam sinais caseiros, emergentes em casa. Esse fato, se assemelha à realidade de um dos estudantes Surdos, participantes do projeto Libras na Escola, que ainda prefere utilizar os sinais caseiros, demonstrando uma certa resistência em utilizar a Libras na escola.

Em estudo desenvolvido na cidade de Bragança, PA, Santos *et al.*, (2019) observou que muitos educandos surdos fazem uso de uma linguagem tipicamente doméstica, a Libras caseira, onde apenas os familiares compreendem este tipo de comunicação. As autoras colocam ainda que, por se tratar de um tipo de língua restrita ao seio familiar, dificulta a interação destes surdos em outros ambientes, como na escola, onde fazem uso da Libras.

Figura 01: Etapas de desenvolvimento do projeto Libras na Escola em Vigia, Pará, Brasil.



Fonte: Elaborado pelos autores

Essa comunicação híbrida que se faz presente na escola impõe certas limitações ao desenvolvimento linguístico e educacional dos surdos, porém contribui para ultrapassar as barreiras iniciais da convivência entre as culturas. Mascarenhas e Moraes (2015), em pesquisa realizada na escola regular da cidade do Rio de Janeiro, RJ, verificaram o uso de uma comunicação híbrida entre os estudante surdos e ouvintes, representada por gestos, expressões faciais e corporais diversas, leitura labial, criadas por eles próprios, além da Libras.

Segundo as autoras, esse tipo de comunicação ultrapassou os limites da sala de aula, pois uma aluna surda conseguia estabelecer diálogo com profissionais da limpeza e da cantina da escola, ao passo que, eles aprendiam alguns sinais e assim podiam conversar sem dificuldades com a estudante surda. Nas palavras das autoras, essa linguagem híbrida desafia àqueles conhecimentos que acreditam que para existir interação é necessário fluência ou conhecimento prévio da língua, seja ela a Libras ou o Português.

Ainda na atividade 1, foi reproduzido o *trailer* do filme intitulado “*Jumanji*”, de onde foi retirado o áudio propositalmente, para estimular a sensibilização dos alunos ouvintes, de modo que pudessem pensar a realidade dos surdos, que convivem diariamente com essa necessidade de entender o que se fala ou acontece, por exemplo, em um filme e, propriamente, no contexto da sala de aula. No início da exibição do vídeo, os estudantes ouvintes demonstram-se bastante incomodados com a ausência do áudio, porém, foram adaptando-se ao longo do tempo.

Ao término da exibição, alguns educandos comentaram que entenderam o sentido do vídeo sem o áudio e sem a prévia explicação pela coordenação. Alguns mencionaram que ao participar daquela experiência imaginaram a dificuldade dos alunos surdos e foi observado que esse primeiro momento contribuiu para que eles adquirissem um pensamento empático ao participarem desse momento reflexivo.

Como parte final desse primeiro encontro, instigou-se os alunos surdos e ouvintes acerca das informações que conseguiram obter do vídeo apresentado. Os surdos, por sua vez, explicaram as cenas que mais gostaram, expressando-se naturalmente, com uma rica lista de classificadores. Percebeu-se, neste momento, que o aprendizado da Libras estava ocorrendo, pelo interesse demonstrado pelos alunos ouvintes quando reproduziam os classificadores utilizados, o que gerou um rico momento de aprendizagem efetiva. Em meio às interações que ocorriam, deparou-se com uma sala repleta de mãos falantes, oportunidade que permitiu um grande aproveitamento para que fosse trabalhado os classificadores.

Mascarenhas e Moraes (2015), enfatizam que os alunos surdos podem contribuir ativamente para a aprendizagem da Libras e, juntamente com os TILS, possibilitarem momentos de interação natural linguística. Tal contribuição pode ser constatada no presente estudo, quando se observou a espontaneidade da aluna surda em interagir com uma colega ouvinte, ensinando novos sinais a ela.

Esta interação observada demonstra que atividades desta natureza no âmbito escolar podem contribuir para a aproximação entre as pessoas e a redução de barreiras linguísticas. O esforço depreendido pelo surdo ao ensinar a Libras ao colega ouvinte, auxiliou para que ele próprio reconhecesse a importância de saber se expressar em sua língua natural. Dall'astrá (2015), afirma que para se ter uma participação de fato dos surdos na escola e nas atividades extracurriculares é necessário fazer com que a Libras deixe de ser restrita apenas ao TILS e possa ser utilizada por toda a comunidade escolar.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=fwt6h6lt1Nc> - Trailer do Filme “Jumanji”.

No encontro seguinte, foi realizada uma breve apresentação sobre os sinais icônicos⁴ e aqueles criados entre os surdos para nomear pessoas e lugares específicas de sua localidade. Alguns estudantes ouvintes já tinham sido nomeados em Libras, ou seja, já haviam recebido o seu sinal⁵, uma espécie de nome próprio na língua de sinais. Neste momento, abordamos o alfabeto manual como um recurso para a prática de digitação do nome em Libras. Além disso, propomos a construção de um texto acróstico, com a agregação de características de suas personalidades para cada letra do nome.

Em seguida, os alunos apresentaram as suas produções com a datilologia do nome e o sinal em Libras para cada adjetivo. Durante a produção, os estudantes surdos encontram obstáculos, pois a língua portuguesa escrita ainda se apresenta como uma grande barreira para eles. No entanto, com o apoio da equipe do projeto, eles puderam finalizar e apresentar para a turma os seus textos. Toda turma participou da dinâmica, o que contribuiu para socialização e apresentação de diálogos, datilologia de seus nomes e alguns sinais em Libras.

Também foi uma oportunidade para mostrar os sinais específicos da realidade local, como o sinal para a cidade de Vigia e das escolas municipais. No tocante à prática cultural dos surdos em dar sinais próprios às pessoas, fica evidente que a Libras, além da sua importância comunicativa, é fundamental para a compreensão da realidade observada por esses sujeitos e do modo como se identificam e são identificados. No caso de um surdo dá sinal a outro surdo, a partir do momento que o mesmo é batizado, ele recebe uma identidade Surda e passa a constituir a comunidade de surdos. A partir desse “ritual de batismo”, o sujeito sai da categoria de deficiente auditivo para se tornar Surdo (SOUZA; GEDIEL, 2017).

No terceiro encontro, foi feita a exposição de um episódio da série em Libras “Crisálida”⁶, que relata a vida de um menino surdo que conhece a Libras e luta dentro de sua própria casa pelo direito de ser Surdo, pois seu pai o vê como um deficiente. Ao final, perguntou-se aos alunos sobre a percepção que eles tiveram em relação ao episódio. Notou-se que a turma foi envolvida emocionalmente com o vídeo e aproveitando este momento, surgiu uma nova roda de conversa, onde alguns alunos ouvintes participaram

⁴ Sinais icônicos são alguns sinais da LIBRAS que fazem alusão à imagem do seu significado. O sinal de “foto” é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada (STROBEL; FERNANDES, 1998).

⁵ Esse aspecto é comparado a um ritual de batismo, contexto onde a pessoa é reconhecida como alguém pertencente ao universo do Surdo. Quando recebe um sinal, o sujeito deixa de ser identificada entre os sinalizantes pelo seu nome em português, mas, a partir do sinal próprio (SOUZA; GEDIEL, 2017).

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=YFnSUNpogqQ> - Serie “Crisalida”.

com respostas espontaneamente sinalizadas. Durante algumas cenas do episódio (cenas de conversas em Libras, datilologia dos nomes dos personagens da série), apareciam pessoas sinalizando e os alunos tentavam reproduzir os sinais, onde sinalizavam “L” em referência ao alfabeto manual (Figura 02A).

Figura 02: Ações promovidas pelo “Projeto Libras na Escola” no município de Vigia, Pará, Brasil. A - alunos sinalizando, B - alunos interpretando a música Família em evento escolar, C - Apresentação de seminários em Libras, D - Aluno surdo participando dos jogos internos.



Fonte: Projeto Libras na Escola

Além de retratar sobre os aspectos culturais do Surdo, o episódio exibido também relatou sobre um surdo filho de pais ouvintes, uma realidade muito comum entre os surdos. Neste caso, a surdez era tratada como patologia e o filho na visão do pai era deficiente, tendo contato tardiamente com a Libras no contexto escolar. Tal situação é apontada como uma das causas para que a criança surda adquira tardiamente a Libras ocasionando atrasos no desenvolvimento linguístico (LEITE, 2008). Alencar (2016), enfatiza a importância da comunicação em Libras no ambiente familiar da criança surda desde tenra idade, pois promove a interação, o desenvolvimento e aquisição da Libras de forma mais natural. No presente estudo, os dois alunos surdos compartilham contexto familiar e de aquisição similar ao que foi exibido na série.

A família é o primeiro grupo social que a criança interage, se a criança surda não entra na escola com o conhecimento sobre a sua língua, o seu desenvolvimento será prejudicado. Em vista disso, cabendo à escola a responsabilidade de alfabetizar o aluno surdo, mas para que isso ocorra é necessário que a instituição de ensino também compreenda a importância da Libras para estes alunos. O projeto Libras na Escola é uma demonstração de que aprender a língua do aluno surdo pode trazer uma interação significativa em classe, algo que foi observada por outros professores durante as suas aulas com a turma participante.

Em vista disso, um professor de português cedeu parte do tempo de sua aula para promover uma pequena atividade do projeto. Assim, a atividade 4 foi realizada trabalhando os sinais relacionados ao tempo, como: calendário, ano, meses, dias da semana, ontem, hoje, amanhã e os numerais. Todos repetiam e como forma de socialização alguns alunos, incluindo o professor, sinalizaram para a turma a idade e a data em que nasceram.

A atividade aconteceu sem nenhum recurso visual⁷, entretanto, não interferiu no aprendizado e interesse dos alunos. Os sinais utilizados na atividade são bastante conhecidos pelos alunos surdos, por esse motivo eles não encontraram dificuldades. Por se tratar de uma atividade com menor duração, comparada às demais, apenas alguns alunos participaram das apresentações. O professor também participou e se mostrou muito interessado em aprender mais sobre a Libras.

Contudo, esse interesse demonstrado pelo professor poderia ser compartilhado entre os demais profissionais, de forma que pudessem compreender a importância e o uso de materiais visuais em suas aulas, de modo a contribuir para uma maior acessibilidade ao conteúdo de suas disciplinas e também de conhecer a Libras para interagir melhor. Percebe-se que somente o interesse em aprender a Libras não é o bastante para que os professores possam compreender o processo educacional dos alunos surdos, pois além disso, precisa-se conhecer a respeito da cultura Surda para interferir positivamente no processo de ensino aprendizagem.

Além dessa problemática, Lacerda (2006) enfatiza que não conhecer a língua de sinais dificulta o estabelecimento de relações que vão além do repasse de conteúdos em sala de aula. Segundo ela, sem a compreensão da linguagem, é impossível falar de sentimentos, emoções, indagações e opiniões múltiplas e, por conta disso, apenas ocorre a troca de informações que não se aprofundam, não atendendo a real demanda comunicativa.

⁷ <https://photos.app.goo.gl/gnbP2hai3EngLkgj6> - Vídeo gravado pelo professor na sala.

Por outro lado, quando se pensa na inclusão escolar dos surdos, apenas conhecer a cultura deste sujeito e sua língua não é suficiente, pois na escola regular inexistem uma língua comum a todos, de uso coletivo. Soma-se a esse aspecto, a incapacidade do sistema de ensino em atender as demandas educativas desses sujeitos em sala de aula, dentre outros fatores, porque poucos são falantes dessa língua de sinais (OLIVEIRA, *et al.*, 2015).

À medida que as atividades do projeto eram realizadas o entrosamento dos participantes crescia e, com isso, os alunos, a equipe pedagógica e funcionários da escola se mobilizaram no planejamento de uma festa de aniversário surpresa para um dos educandos surdos, levando o projeto para além do sétimo ano participante. Aproveitando a ocasião, o projeto trabalhou sinais referentes ao tema aniversário, como idade, parabéns, feliz aniversário, comidas entre outros, realizando a sua quinta atividade.

Um momento de descontração tornou-se também uma oportunidade para mostrar que, apesar das diferenças culturais e linguísticas, foi possível colocar o surdo como protagonista da ocasião. A partir do ensino da música “Parabéns pra você” em Libras, os participantes vivenciaram uma situação diferente, pois a música também faz parte do dia a dia dos surdos, apesar de ser mais comum aos ouvintes.

Esta experiência possibilitou a assimilação de novos sinais e, por se tratar de uma canção conhecida pela comunidade escolar, todos a realizaram com facilidade e empolgação. O que corrobora como os estudos que apontam a música como uma metodologia para aprendizagem de línguas, já constatada para línguas orais e no presente estudo verificaram essa aplicação para a língua de sinais com foco na ampliação vocabular.

A utilização de músicas nas aulas de línguas estrangeiras possibilita que os alunos trabalhem suas habilidades, que são pouco exploradas em seu cotidiano. Há também a possibilidade de potencializar o vocabulário do aluno, na prática constante de memorização, de forma que o estudante possa reter grande parte das informações adquiridas (FERRAZ; AUDI, 2013). Assim como na aprendizagem de outros idiomas através da música, no ensino da língua de sinais também é possível aplicar esta abordagem, pois o processo de memorização e repetição da música, contribui para a expansão do vocabulário dos alunos ouvintes, aprendendo novos sinais em Libras, e dos alunos surdos que aprendem novas palavras da língua portuguesa escrita, como verificado nas atividades de música durante o projeto Libras na Escola.

Com a chegada dos jogos internos, com temáticas envolvendo “Educação, cultura e esportes”, a escola solicitou que o hino nacional fosse apresentado também em Libras, o que demandou da equipe do projeto vários encontros de estudo e preparação com os

participantes, que assim compôs as últimas atividades do projeto. Durante a atividade 6, ocorreu uma breve explicação sobre o processo de interpretação de músicas do português para Libras, auxiliada por slides que continham a letra do hino nacional e vídeos de diversas interpretações do hino em Libras⁸. Houve a análise dos sentidos dos primeiros versos do hino, seguido do ensino dos sinais e prática desta sinalização para uma melhor fixação.

Essa breve explicação foi fundamental para que os alunos entendessem a importância de conhecer a cultura surda no processo de interpretação para evitar erros durante a tradução para a Libras, como o português sinalizado⁹. Durante a análise gradual do hino nacional feita com a participação dos alunos, notou-se que eles pouco conheciam a interpretação da letra, deixando-os mais instigados, pois a cada verso interpretado iam se adquirindo conhecimentos de novos sinais e também de fatos relacionados ao país.

Ademais, foi realizada a dinâmica “telefone sem fio”¹⁰ para ilustrar a importância de conhecer a língua de sinais, para evitar equívocos que pudessem ocasionar outro sentido, outra interpretação feita pelos colegas surdos durante uma conversação informal, por exemplo. Todos os alunos participaram entusiasmados, onde os surdos demonstraram-se envolvidos com os colegas ouvintes e até pediam a repetição da brincadeira, acontecendo por mais uma vez. Esse ensino descontraído atuou no sentido de atrair os alunos para os ensaios da música, porque estavam se sentindo desmotivados em vistas dos ensaios repetitivos.

Foi trabalhada também a música “Família”¹¹ (Regis Danese) e concomitante aos ensaios, novos sinais estavam sendo ensinados, expandindo, assim, o vocabulário dos alunos e conhecendo os aspectos da língua de sinais, como a configuração de mão. Os alunos compreenderam que uma mesma configuração pode ser usada em diversos sinais diferentes, descobertas essas que tornavam os ensaios mais interessantes. O projeto não tinha como proposta ensinar os cinco parâmetros da Libras: Configuração de mão; pontos de articulação; orientação da palma da mão; movimento e expressão facial e/ou corporal. Contudo, durante as atividades, aproveitou-se a curiosidade e o interesse dos alunos em aprender mais para explicar brevemente sobre o assunto.

A culminância do “projeto Libras na Escola” aconteceu em dois eventos de apresentação das músicas estudadas. O primeiro evento, foi com a apresentação do Hino Nacional que contou com a participação de toda a comunidade escolar e com o evento de

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=Ffj1QcP2wM4> <https://youtu.be/Txn2p7gIh74> - Hino Nacional.

⁹ Tradução literal, tradução de palavra-por-palavra.

¹⁰ A dinâmica consiste em repassar uma informação inicial em Libras para pessoas dispostas em fila e observar a fidelidade entre a mensagem final e a mensagem inicial.

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=5vULIBk4Be0> - Musica “Família” (Regis Danese).

Amostra dos projetos desenvolvidos na escola “Família e Escola” com a presença dos pais dos alunos e representantes da secretaria de educação do município, e sociedade em geral. Assim como na apresentação do hino nacional durante os jogos internos, a apresentação da música “Família” permitiu divulgar a Libras, fato que sensibilizou a sociedade para a necessidade da inclusão linguística dos Surdos (Figura 02B).

As ações desenvolvidas no âmbito do projeto Libras na escola foram importantes, porque efetivou a Libras no cotidiano dos educandos surdos e ouvintes. A presença constante desta língua permitiu aos surdos ampliar seu acesso aos conhecimentos construídos no contexto escolar e social. Porém, mesmo que a escola ainda esteja caminhando lentamente para o bilinguismo, a abertura para as ações desenvolvidas demonstram esforço e interesse em tornar a escola de fato inclusiva.

REFLEXOS DO PROJETO NA ROTINA ESCOLAR

Os reflexos das ações do projeto puderam ser constatados com a melhoria do relacionamento entre alunos ouvintes e surdos durante a realização de atividades propostas dentro da sala de aula. Nos trabalhos em grupos, por exemplo, observou-se o desenvolvimento da comunicação e interação entre esses alunos. Na disciplina de ciências, a professora solicitava trabalhos em grupos desde o início do ano letivo, porém os educandos surdos eram somente integrados às equipes para não serem excluídos. Mas, a exclusão acabava acontecendo, pois os surdos eram vistos como incapazes de participar da preparação dos trabalhos e apresentações dos seminários.

Outro fato é que, em estudo desenvolvido nessa mesma instituição de ensino envolvendo os mesmos surdos tratado neste estudo, foi observado que os materiais ilustrativos e vídeos adaptados na aprendizagem dos surdos eram utilizados apenas por eles, sem participação dos demais colegas ouvintes. Essa exclusão era recorrente no ensino e aprendizagem da turma, o que demonstra que a escola não dispunha de metodologias inclusivas para educação dos alunos surdos (ATAÍDE, 2019).

Por outro lado, após a compreensão da cultura e dos aspectos linguísticos da pessoa Surda, proporcionadas pelo atual projeto, houve uma modificação no olhar com relação a participação dos alunos surdos no planejamento das atividades que iriam ser apresentadas. Com isso, os estudantes surdos participavam fazendo pesquisas, recortando, colando, desenhando e também ensaiando junto com a equipe antes das apresentações.

A participação destes alunos durante as apresentações dos seminários ocorria sem estranhamento pelos alunos ouvintes, onde os professores mostravam-se surpresos com a

desenvoltura dos alunos surdos, os quais se expressavam em língua de sinais (Figura 02C). As apresentações funcionavam da seguinte forma: cada integrante da equipe fazia comentários sobre a sua parte no trabalho e durante a "fala" dos alunos surdos, a TILS traduzia para o português para tornar acessível a toda turma e professores. Os alunos surdos utilizavam bastante classificadores, o método de apontação para indicar as figuras coladas em cartazes e a sinalização em Libras.

Em outras disciplinas, como a de Ensino Religioso, a TILS propôs que a equipe composta pelos alunos surdos, realiza-se toda a apresentação em Libras de um pequeno seminário em Libras. Os alunos tiveram orientação da TILS para aprenderem o vocabulário e como se apresentar este seminário. Ao ser questionado sobre a experiência de ver seus colegas também expondo o trabalho na sua língua, o aluno surdo respondeu que se sentiu muito mais à vontade para fazer os trabalhos em grupos.

Durante as atividades desenvolvidas em sala de aula, notou-se que a inclusão dos alunos surdos estava surgindo de forma gradativa e explícita. A importância da Libras para a inclusão desses alunos foi de fato demonstrada através das atividades em que eles conseguiram desenvolver com os colegas ouvintes. Ainda que o raso conhecimento da língua portuguesa escrita e a pouca fluência na Libras dificultasse em alguns momentos, isso não interferiu na interação e no clima de respeito às diferenças que se estabeleceu nesta turma.

A interação observada na classe, foi o resultado da efetiva comunicação entre os alunos, pois assim como o ouvinte aprendeu a língua do Surdo, os surdos puderam entender mais a língua portuguesa. Essa troca simultânea permitiu o desenvolvimento de ambos, aspecto este que mostra a importância, segundo Barbosa (2011), de se fazer discussões nos espaços escolares, para o aprendizado da Libras, tanto pelos alunos ouvintes, quanto pelos professores e demais profissionais, para que a inclusão dos alunos surdos possa ser efetiva.

Porém, as mudanças positivas ocorridas na interação entre os alunos surdos e a comunidade escolar não garantiram uma considerada modificação durante as aulas ou atividades avaliativas, pois os professores ainda fazem uso de métodos focados na oralidade. Entretanto, os próprios alunos ouvintes cobravam dos professores essa atenção aos alunos surdos durante algumas situações de desigualdade educacional, pois era evidente que os métodos educacionais utilizados pelos docentes não contemplava as diferenças culturais presentes em sala de aula.

Além dos trabalhos em classe, os alunos surdos também desenvolveram a interação com a turma, através de brincadeiras que aconteciam durante o intervalo das aulas. Uma das brincadeiras, que é muito conhecida como "estátua" ou "stop", era frequentemente utilizada pela turma e, então, um dos alunos ouvintes perguntou como que poderia incluir os colegas surdos, já que a brincadeira funcionava ao falar a palavra "stop" e os colegas de classe ficavam parados e só podiam mover-se novamente se outra pessoa os tocassem.

Foi sugerido, então, que os alunos fizessem o sinal de parar para os alunos surdos. Todos da turma entenderam a adaptação e eles se sentiam muito animados e ansiosos pelos intervalos para poder brincar com os colegas ouvintes. Essas interações também ocorriam em momentos avaliativos, no qual os alunos surdos compartilharam, indevidamente, respostas das provas com alguns alunos ouvintes sem que o professor estivesse observando. O fato foi notificado por uma funcionária da escola que viu os alunos surdos fazendo a datilologia.

Durante os jogos internos da escola os resultados desta interação, que surgiu em decorrência do projeto Libras na Escola, foram expostos para toda a comunidade escolar através da participação dos alunos surdos nas atividades esportivas e de danças (Figura 02D). A equipe que os surdos estavam envolvidos nos jogos internos, outras equipes e a escola em geral compreenderam que a impossibilidade de ouvir não limitou a participação deles nos jogos. Após os jogos internos, os alunos surdos se tornaram mais conhecidos por boa parte da comunidade escolar. Transitavam pelos corredores da escola, conversando com funcionários e alunos, uma atitude simples, porém, ausente antes das ações do projeto.

No período anterior ao projeto, os alunos surdos tinham contato apenas com dois ou três colegas de sala. Porém, durante o projeto o contato se expandiu para toda turma e com a participação nos jogos internos disseminou-se para a comunidade escolar em geral. Assim como o projeto trouxe uma ação voltada à inclusão, o tema dos jogos da escola também foi envolvido por essa temática e alunos com outras especialidades também foram incluídos, e valorizados, pois todos de alguma forma participaram e surpreenderam a todos da escola.

De tudo aqui abordado, cabe chamar atenção para o esforço que a escola tem desempenhado para fazer a inclusão educacional pensada nas características individuais dos estudantes. Como foi mostrado ao longo deste estudo, as ações da instituição foram cruciais para se fazer pensar o lugar do outro e a importância de dar voz à minoria. Segundo Lacerda (2006), o espaço escolar é um importante cenário na vida do surdo, por contribuir para o seu desenvolvimento linguístico, de valores morais e afetivos, além a afirmação da sua identidade.

Nesse sentido, Dall'astra (2015), afirma que para o uso e desenvolvimento efetivo da linguagem pelos surdos, a escola deve contemplar suas necessidades linguísticas e, nesse caso, o uso da língua de sinais é imprescindível, porque essa é a língua oficial desses sujeitos e não uma alternativa de comunicação. Pensando nisso, a proposta bilíngue é a que mais se aproxima da plena educação dos surdos, pois possibilita o domínio linguístico e a capacidade de expressão de forma concreta e segura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, onde aconteceu o projeto, é reconhecida no município de Vigia, PA, pelas suas ações inclusivas, pois através de eventos e projetos realizados anualmente, contribui para a participação de todos os alunos. Porém, em meio a limitações encontradas no currículo e nas metodologias empregadas na escola, ainda se encontram dificuldades para a plena materialização da inclusão escolar dos surdos.

Essa não materialização pode ser constatada na forma como os conteúdos disciplinares são discutidos pelos professores regentes que, na sua grande maioria, ainda utilizam somente a oralidade. Com isso, destaca-se a necessidade do comprometimento de todo o corpo docente e da família dentro desse processo de inclusão escolar, pois ainda há resistências na utilização de pedagogias pensadas na diversidade cultural. No caso da família, a sua participação efetiva poderá colaborar na construção de propostas que venham subsidiar as necessidades educacionais dos estudantes.

Por fim, o referido projeto mostrou para toda a comunidade escolar as potencialidades dos alunos surdos e que se pode trabalhar de forma mais inclusiva. Assim, o “projeto Libras na Escola” contribuiu para a divulgação e reconhecimento da Libras como forma efetiva e importante para a comunicação e desenvolvimento sociocultural e linguístico da pessoa surda, sendo instrumento primordial para promover uma efetiva Inclusão na comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, A.S. **A aquisição de linguagem/Libras e o aluno surdo**: um estudo sobre as formas de comunicação e interação na escola e na família. 2016. 106 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados.

ASPILICUETA, P. *et al.* A questão linguística na inclusão escolar de alunos surdos: ambiente regular inclusivo versus ambiente exclusivamente ouvinte. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, n.3, p.395-410, jun./set. 2013.

ATAÍDE, I.C.S. **As implicações que alunos surdos enfrentam por conhecer a Libras em período tardio.** 2019. 12 p. Monografia (Especialização em LIBRAS) - Programa de Pós-graduação em LIBRAS do Centro Universitário Leonardo da Vinci (EAD).

BARBOSA, L.R.S. A Língua Brasileira de Sinais como inclusão social dos surdos no sistema educacional. **Revista Polyphonía**, Goiás, n.1, p.174-188, jan./jun. 2011.

COELHO, Cristina Massot Madeira. Inclusão escolar. In: MACIEL, D.A.; BARBATO, S. (Org.). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão social.** – 2 ed. – Brasília: EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2015. p.59-69.

DALL'ASTRA, P.V. A importância da língua de sinais para o desenvolvimento da pessoa surda: a noção de inclusão associada ao sentimento de pertencimento no espaço escolar. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n.51, p.117-130, jan./abr. 2015.

FERRAZ, M; AUDI, L.C.C. Ensino de língua inglesa com música. **Revista Eletrônica Pro-docência**, Londrina. n. 3, p.109-116, jan./jun. 2013.

FUMEGALLI, R.C.A. **Inclusão escolar: o desafio de uma educação para todos?** 2012. 50 p. Monografia (Especialização em Educação Especial: Deficiência Mental e Transtornos e dificuldade de Aprendizagem) - Programa de Pós-graduação em Educação Especial: Deficiência Mental e Transtornos e dificuldade de Aprendizagem da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L.F.; MARTINS, V.R.O. (Orgs.). **Escola e diferença: caminhos para a educação bilíngue de surdos.** São Carlos: EdUFSCar, 2016.

LACERDA, C.B.F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cadernos Cedes**, Campinas, n.69, p.163-184 mai./ago. 2006.

LEITE, T.A. Língua, Identidade e Educação de Surdos. **Ponto Urbe**, São Paulo, n.2, p.1-26, dez. 2008.

LODI, A.C.B. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n. 1, p.49-63, jan./mar. 2013.

MACEDO, Y.M. *et al.* Direitos da pessoa surda: desafios à efetivação das leis educacionais que regem a inclusão e acessibilidade no município de euclides da cunha. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, n.2, p.47-61, mai./ago. 2019.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão Escolar: o que É? Por quê? Como Fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, V. R. O. **Educação de surdos no paradoxo da inclusão com intérprete de língua de sinais: relações de poder e (re)criações do sujeito.** 2008. 139 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas.

MASCARENHAS, L.T.; MORAES, M.O. Redesenhando fronteiras entre surdos e ouvintes: a inclusão escolar. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, n.2, p.261-283, 2015.

MATOS, S.N.; MENDES, E.G. A proposta de inclusão escolar no contexto nacional de implementação das políticas educacionais. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, n.16, p.35-59, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, Gláucia Caroline Silva de; SANTOS, Janaína de Sousa; SILVA, Luane Costa da. As Experiências do projeto popularizando a LIBRAS nas escolas bragantinas. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO ESCOLAR. Florianópolis. Santa Catarina, 2019.

OLIVEIRA, V. R. *et al.* Educação dos surdos: escola inclusiva versus escola bilíngue. **Educere et Educare**, Cascavel, n.20, p.887-896, jul./dez. 2015.

SANTOS, J.S.; SILVA, L.C.; OLIVEIRA, G.C.S. Cenas do cotidiano escolar de surdos em Bragança, Pará. **Revista EDaPECI**, São Cristóvão, n.2, p.52-61, mai./ago. 2019.

SOUZA, I.L.; GEDIEL, A.L. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n.1, p.163-185, jan./abr. 2017.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

ZILLOTTO, D.M.; SOUZA, D.J.; ANDRADE, F.I. Quando a inclusão não se efetiva: a evasão de alunos surdos ou com deficiência auditiva no ensino superior. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n.62, p.727-740, jul./set. 2018.

ⁱ Possui graduação em Letras - Inglês pela Universidade Federal do Pará (2018), especialização em LIBRAS pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2020). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas e Libras.

ⁱⁱ Possui graduação em Agroecologia, pelo Instituto Federal do Pará. Desenvolveu pesquisas com produção de Tecnologias Sociais associada à produção vegetal e estudos com Populações Tradicionais. Os estudos junto aos povos tradicionais convergiram à produção de TCC. Atualmente, estuda especialização em Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (IFPA Bragança).

ⁱⁱⁱ É professora Adjunta IV da Universidade Federal do Pará, Instituto de Estudos Costeiros, Campus universitário de Bragança. Graduada em ciências biológicas; especialista em Docência no Ensino Superior e Interpretação e Tradução da Libras; mestrado em Biologia de Ecossistemas Costeiros e Estuarinos e doutorado em Recursos Biológicos da Zona Costeira Amazônica. Realizou estágio pós doutoral na Universidade Federal de Santa Catarina (2019-2020) na área de Linguística Aplicada/Libras com foco na elaboração de glossário em Libras para a ciências biológicas.